VIDA VÃ – VII e VIII

Everton Bortotti

VII – Poeira
VIII – pf

VII – Poeira

1

– Vou *desmostrar* tudo pra vocês! – insistia Valdivino de sua poltrona. – Sou flumista, conheço tudo no Flume!

– Jóia.

Chegamos na rodoviária do Flume ao amanhecer, no início da volta às lições do segundo semestre. Tomamos um café e pegamos um ônibus

urbano para um pendor-geral. Eu e Nilsinho já sabíamos o que fazer e para Valdivino, que não tinha a menor idéia de nada, expliquei:

– Você vai se chamar: déu Nilson Fadhal Jr.

– Hum?!

– É.

A decisão de tornar Valdivino em Nilson Fadhal Jr deu-se devido ao seu vocabulário e à sua demência mental explícita, ele falava tudo errado e se perdia facilmente nos raciocínios, sofria de dislogia e cacofonia, então para que todos nós tivéssemos uma função e ele não falasse nada devia apenas se esforçar para fazer cara do déu Nilson Fadhal Jr.

Nas portas das cisões pedíamos licença, se houvesse consentimento entrávamos e Nilsinho fazia a introdução apresentando-se com algum de seus codinomes, enquanto isso eu distribuía os véus aos discentes e a seguir, encerrada a introdução de Nilsinho, eu fazia o proferimento do léu, frequentemente o clássico Pé-De, de Nilson Fadhal Jr, era um léu que constava no Via Marginal e inclusive com sua explicação de que se tratava de "uma composição coloquial-cafona-erótica que fala sobre pobreza romântica e critério de desempate", quando terminava apontava Valdivino teoricamente o autor do léu e dizia:

– Nilson Fadhal Jr, O Lírico!

Os aplausos ecoavam pelas cisões. Valdivino agradecia veementemente curvando-se em seu impecável terno e gravata e acenava com as mãos para todos pararem com os aplausos devido a

ele ser um erudito muito acanhado para tais contingências.

– ...E pra encerrar – finalizava Nilsinho – queremos explicar que...

Alguns pendores eram próximos ou mesmo dentro de favelas que Valdivino conhecia, era lá que ele ia comprar a brag.

2

O cidadão abriu um buraco de mais ou menos sessenta centímetros de altura por um metro de comprimento bem no meio da parede do seu barraco e ali montou sua birosca. Tinha uma tábua, em forma de balcão, para pôr o copo e a bebida que ele vendia. A gente olhava para dentro da birosca-barraco e via sua mulher assistindo tevê e a filha lavando roupa. A altura da tábua deu certinho para encostar meu braço.

E o cidadão não se fez de rogado e acendeu um veg para nós.

– Aqui a gente trata bem as pessoas – ele disse.

– Vai demorar? – perguntei.

– Não, já estão chegando. Este morro é o lugar mais seguro do Flume.

Nesse meio-tempo chegou um atravessador ali, querendo oferecer o que já tinha comprado dos

trafistas que ainda iriam chegar. Mas Valdivino, ao meu lado, conhecia bem o ambiente, lhe alertou:

– Não falo com intermediários.

O atravessador saiu fora e mau sumiu – e tinha de sumir mesmo para não dar bandeira – Valdivino avistou os trafistas chegando, nos avisou:

– Aí, *são-lhes eles*.

Os caras chegaram – dois negros armados até os dentes, um passador de brag, outro de veg, e um mulato organizador de fila –, se instalaram ao lado da birosca e imediatamente boa parte da gente que estava por ali, andando ou parados na viela, aparentemente cidadãos comuns e cotidianos, formaram a fila do veg, enquanto outros cidadãos continuaram seus afazeres indiferentes ao que ocorria.

Nilsinho nem saiu do balcão, ficou esperando Valdivino que foi até o passador de brag:

– Eu vou na brag. *Ele* aí *vãos* de veg.

Brag não tem fila, e o passador de brag era ágil, ocultava os bralotes nas mãos e nos bolsos, bralotes unitários e pequenos saquinhos com dez ou quinze bralotes no atacado que saíam mais baratos que os do varejo, tinha uma agilidade incrível, os bralotes surgiam do nada em suas mãos e o dinheiro recebido sumia de suas mãos para seus bolsos, um prestidigitador. Deixei meu copo esperando e, sendo o "*Ele* aí", fui para a fila do veg.

Todos os compradores sabiam o preço das duas opções e tinham os trocados na mão já

contados, mesmo num ano em que remarcações de preços eram comuns por conta da inflação e trocas de moedas. O mulato organizador da fila levava seu trabalho a sério, repreendia aqueles que não estivessem em linha, fazia uma cara de mau danada, cara de quem estava querendo uma promoção, e de repente ele gritou:

– Camisa dentro da calça!

Tinha de ser com a camisa por dentro da calça para comprar com eles, isso eu não sabia e tinha sido comigo que o mulato havia gritado, sua camisa estava fora das calças mas ele não vendia véus sendo outra coisa que fazia volume na sua cinta; rapidamente fiz o que ele mandou.

– Quase se fode, hein? – me falou um travesti à paisana atrás de mim.

Era uns dez metros de fila, contava com diversificados revendedores terceirizados.

– Vamos lá! – dizia o organizador da fila. – Pega e sai, pega e sai!

O veg era vendido a partir de um saco médio de se pôr lixo abarrotado de saquinhos maiores de veg, colocado no chão. Quando chegou minha vez dei uma nota de dez e eles me deram dez saquinhos, saí andando atrás de um pedinte que havia comprado na minha frente, seu passo era mais lento e quando ficamos lado a lado ele me disse que estava indo trabalhar, havia deixado duas muletas num canto e as pegou, foi trabalhar disfarçado de aleijado.

Voltei para a birosca enfiando tudo aquilo no bolso da calça e me encostei na tábua.

– Me dá mais uma cerveja.

O cidadão tirou uma cerveja do freezer abaixo do balcão à sua frente e me serviu. Por baixo de seu balcão saiu seu filho, um guri de lá dos seus seis anos de idade, e tão logo saiu me passou o veg que estava na sua mão, dei uma pitada e lhe devolvi.

Nilsinho e Valdivino vieram se juntar a mim, já tinham brageado e estavam turbinados.

– Vamos dar um rolê? – falou Nilsinho.

– Vou ficar por aqui – respondi.

Nilsinho sumiu, simplesmente; nos convidou para dar um rolê mas saiu sozinho. Valdivino ainda ficou um pouco por ali vendo o movimento que logo foi encerrado com a saída dos passadores, nisso vinha chegando a noite e dei mais alguns goles na cerveja e, num segundo momento, Valdivino já estava de conversa com uma senhora, uma mulher de, no mínimo, uns setenta anos, pelo corpo, e pela cara uns cento e cinquenta, então olhei para dentro da birosca e, um terceiro momento, ao voltar os olhos para fora, Valdivino já havia desaparecido com a senhora, voltei a olhar para dentro da birosca enquanto ao meu lado o piá me estendeu o veg com aquela sua mãozinha.

Fiquei por ali até anoitecer de vez, depois saí para fazer um tour pela favela, conhecer aquela gente e suas festividades noturnas, muita roda de samba e muita morena dançando, uma beleza, me perdi entre aquela gente toda indo dum canto a outro e, umas cinco horas depois, pelos labirintos da favela dois moradores me encontraram e me

conduziram até o ponto de ônibus, ali ficaram pitando comigo na espera do ônibus.

– Se você está com as pessoas certas – me disseram – este é o morro mais seguro do Flume...

Às vezes é assim. Quando entrei no ônibus quase vazio o cobrador, malandro danado, achou que eu estava ansioso e mandou eu ir fundo. O cobrador tinha uns tiques, ficava vigiando para todo canto e dizia para mim ir fundo:

– Pode pitar, pita aí, na moral...

Pitei o resto do veg e fiquei curtindo o amanhecer. Flumistas lindas lindas lindas entravam no ônibus. O cobrador me indicou o lugar em que eu devia descer:

– Vai nessa, na moral...

Desci e havia outra fila de espera para outro ônibus. Flumistas belas belas belas e bronzeadas indo trabalhar. Rolei mais um veg e pitei na fila, ninguém ligou. Peguei o ônibus, desci frente a uma praia e fiquei por ali um tempo, me congraçando com as flumistas. Depois peguei outro ônibus e fui para o hotel que estávamos hospedados.

Cheguei por volta das sete da manhã, Valdivino já havia chegado. Contou que tinha passado a noite num hospital por causa de um avc, estava com cara de gigolô frustrado de porta de baile da terceira idade. Falou mais um pouco:

– Me sinto receoso com a *possibalidade* de, um dia, as pessoas viverem séculos. Eu hoje tive um grande *ansinamento*. Agora acredito na morte de forma *efetivanduramente* e considero que quem chega até a *veilhice* comete um ato de *exaigero*,

desperdício e *extravarrogância*, é o mesmo que matar o mundo em vida.

Não dei muito atenção para não esticar a conversa, então ele se deitou e, acho, dormiu, certamente silenciou.

Às oito horas, Nilsinho chegou. Contou que tinha sido assaltado por bandidos ou policiais, que levara umas chavascadas e quase recebera um tiro de bandidos ou policiais. Tinha feito um b.o. que não iria lhe servir de nada.

Às vezes é assim.

3

O Flume estava pirando demais aqueles dois. A gente costumava se separar, ou se perder, após as últimas cisões da noite, e por vezes eles chegavam no hotel com algo para contar que, verdade ou mentira, ou mistura dos dois, era difícil acreditar.

Das narrativas que lembro a pior foi a de Nilsinho que, chegando bêbado de manhã, falou de uma ocorrência que tinha ouvido de "um cara" com o qual havia cruzado naquela noite, uma ocorrência terrível; eu tinha acabado de acordar e Valdivino ainda roncava, eu estava com olhos fechados e Nilsinho falava como se não houvesse ninguém ali.

A ocorrência com “esse cara”, pela sua narrativa, havia se dado tempos atrás numa rua durante a noite, “esse cara” havia cruzado com uma gangue de flumistas e, após terem travado coleguismo, foi convidado para, no carro em que eles estavam, “talvez roubado só pro objetivo da noite”, dar uma volta, uma vez dentro do carro quando cruzaram duas adolescentes numa avenida à beira-mar a gangue as raptou e as levou para uma rua deserta onde delas abusou:

– E os flumistas obrigaram *esse cara* a tornar-se mancomunado pra não bancar o cagueta.

Disse que “esse cara, por sinal o último”, quando terminou a gangue já tinha partido, no que levou as adolescentes até perto de suas residências, falou a elas que foi obrigado a fazer aquilo e lhes pediu desculpas, depois sumiu da cidade.

– *Esse cara* nunca vai se esquecer disso, foi uma ação que jamais combinaria com seu temperamento, isso causou graves estragos na sua personalidade e ainda mais por nunca ter se confessado com ninguém a respeito. Foi a partir dali que *ele* entrou em depressão, empobreceu, ficou a morar em pensões.

Enquanto ele falava eu sabia: ele tem mania de misturar real com irreal, quando bêbado pode ser tudo irreal; se ele for *esse cara* pode ser parte ou tudo irreal.

– Não se trata de chamar atenção a nada – ele estava dizendo –, é natural que todos partam levando algo do mundo, toda morte é uma limpeza necessária.

Então ele pegou caneta e papel, logo estava escrevendo algo, era seu hábito quando falar não lhe era suficiente, talvez tenha publicado o que escreveu e talvez tenha rasgado, não sei o que escreveu porquê ele não quis ler para mim.

Naquele dia ele não iria nos acompanhar no período da manhã, quando dormiu também dormi mais uma hora e quando acordei Valdivino estava se levantando.

Começou a reclamar que não era Nilsinho mas que, inicialmente, nas cisões, era apontado como Nilsinho após o proferimento de Pé-De, e que:

– Só inicialmente porquê, agora, já não *estão* mais fazendo isso...

"Estão", ele se referia a mim. Ele queria que eu voltasse a lhe apontar como "Nilson Fadhal Jr, O Lírico!", porquê eu tinha parado. Eu não tinha mais paciência para mentir e além do mais por vezes Nilsinho ao invés de se apresentar através de algum codinome usava o Nilson Fadhal Jr ou ainda mesmo tendo se apresentado com um codinome no decorrer da *visita* se revelava como Nilson Fadhal Jr também podendo usar vários codinomes junto a Nilson Fadhal Jr numa única *visita*, então agora eu apenas mencionava "Nilson Fadhal Jr, O Lírico!" sem apontar ninguém e ficava por conta dos dois se definirem, como geralmente os dois agradeciam ficava por conta de quem assistia tirar sua conclusão, inclusive eu já tinha visto discentes fazendo debates pelos corredores a respeito do que

tinham assistido. Valdivino tinha incorporado o personagem:

– Eu também tenho algo *hedonismânico*. Eu também quero deixar meu *alegado*.

4

Inconformado que eu não mais lhe apontasse nas cisões como sendo Nilsinho a quem tinha como ídolo, Valdivino buscou outras auto-qualificações, logo estava a fazer declarações paralelas aos peritos enquanto eu e Nilsinho fazíamos as operações, ele falava mais alto que devia e até os discentes ouviam:

– Nosso *mandus-operanti* segue de acordo com o transporte coletivo, caro *magistrário*. Sabe como é, nossos dias visitando o Flume com *o auspício de maestrias* como vossa *Excedência* de tantos *conhecimentos abjurantes* que *éstes*...

Tais palavras eram frequentemente "influência" do próprio Nilsinho que, tal como Valdivino, tinha um problema de dislogia, embora bem menos e também tendo mais controle sobre sua atuação cênica todavia com um "tempo" duro, sempre estava além ou antes e geralmente além, contudo se nas apresentações Nilsinho ainda seguia a linha de discurso básico, mesmo em meio à sua

confusão de “tempo” e palavras, nos corredores ele fazia discursos privados a Valdivino:

– Se somos vistos feito feridas latentes por aprumados, se somos repelidos por sua ojeriza, somos? Mentir é desgastante, leva a novas mentiras e vira vício. Eu um dia contestei a perfeição, entendi tudo que um dia é necessário, por necessidade aceitamos tanto chacota quanto papel de objetos incorretos, assim nos tornamos abjetos.

Assim traduzindo os discursos privados Valdivino quando falava com os peritos em cisões contudo fazia seus acréscimos:

– Rateamos as porções. Nada de bando cindindo. Anômalos e desatinados em carne viva. Viemos *Apaziar*. Mas não somos amalucados. Os *contribuitos* são necessários e já fui *inquirido* por isso. Agora entende, *excelêntrico*?

Ficava ali sua voz de fundo enquanto tudo ocorria, nisso ele acabou sendo taxado pelos discentes dos pendores de uma espécie de “rebelde”, pelos corredores alguns até lhe chamavam de “rebelde profissional”, no que a Nilsinho ele dizia:

– Já estou ganhando *títlos* por tua causa.

Quando éramos rechaçados de cisões ou recebíamos reprimendas sendo impedidos de voltar a pendores para mim era apenas sinal de prosseguir embora, Nilsinho, queria se justificar, era feito um cão ferido que ele procurava jornais de ponteiros discentes e em suas declarações, entre barbaridades e esdruxulez, queria fortificar os motivos da viagem, tais declarações raramente eram publicadas

todavia ele partia para os próximos pendores com seu discurso em cisões maior em termos de argumentos e isso nos fazia perder tempo, para aumentar sua disposição pelos corredores formavam-se "públicos" fiéis dele que adoravam suas deficiências e daí surgia um novo problema, ele os queria agradar, nisso Valdivino lhe seguia também querendo "públicos" para agradar e pelos corredores dizia:

– Por natureza sempre fui déu. Se sempre, nunca fui nunca. Eu sou déu, já *abjurei* e recebi *credencial*, sou déu.

Fui tentar resolver a atuação de Nilsinho para quem sabe assim atingir tanto a sua quanto a atuação de Valdivino, enquanto caminhávamos pelas ruas entre um e outro pendor primeiro tentei lhe dirigir para que ele fizesse a coisa no "tempo" e "texto" certo e ele, apenas numa "apresentação", conseguiu fazer exatamente como eu dissera e seu "tempo" e "texto" foi perfeito, mas daí já não era mais o Nilsinho, estava morto sem improviso, sem risco ele não tinha sentido e as deficiências eram parte de seu estilo, e então ele próprio me disse:

– Não sirvo pra ser ator prévio. Também não estamos aqui pra sermos prévios. Você mandou eu ser tão somente ator, isso tira meu auto-retrato. Meu improviso é quebrar regra.

Lhe pedi então que fosse mais suscinto e nas próximas cisões ele atendeu ao suscinto e, quanto ao "tempo", ele próprio que foi galgando a si mesmo a cada cisão, foi voltando ao mesmo